

7

A SALA DE AULA





A SALA DE AULA

A ESCOLA TRABALHA COM O CONHECIMENTO de uma forma bastante específica e o espaço onde esse trabalho efetivamente acontece é a sala de aula.

PENSAR A ORGANIZAÇÃO da sala de aula é pensar a relação de professores e alunos com o conhecimento. A sala assumirá feições diferentes conforme essa relação for concebida: vai variar o uso do espaço e do tempo, a organização das atividades e do material, e mesmo o tipo de relações interpessoais.

MUITOS PROFESSORES, contudo, repetem velhas práticas de sala de aula por mera tradição, sem pensar no sentido que têm. A repetição mecânica de normas e procedimentos, através do tempo, faz com que tais práticas pareçam “naturais”, “obrigatórias”.

É IMPORTANTE ter clareza do que se entende por conhecimento e aprendizagem, para poder planejar bem as situações de ensino, selecionando atividades e materiais adequados, rejeitando práticas incompatíveis com os objetivos.





UM EXEMPLO DE PRÁTICA tradicional é o apego que certos professores demonstram à idéia do “silêncio”. É claro que períodos de calma e silêncio são importantes para a concentração, para o desenvolvimento de certas atividades. Mas o silêncio dos alunos o tempo todo e a qualquer custo revela uma visão de crianças como seres passivos, que devem ficar o tempo todo escutando, escutando...

O PROFESSOR QUE RECONHECE a importância da interação no processo de conhecimento garante ocasiões para troca de informações, idéias, opiniões. A sala de aula, assim, é entendida como espaço privilegiado de interação do grupo formado pelos alunos e seu professor, todos diferentes entre si; os conhecimentos e as experiências de cada um serão contribuições para o crescimento dos outros, de todos.

NA SALA DE AULA, ocorrem naturalmente ocasiões de interação espontânea entre os alunos. No entanto, é função do educador prever formas e momentos específicos de interação, de acordo com os objetivos que pretende atingir.

NESSE CONTEXTO, algumas questões se colocam para reflexão:

1
COMO TRABALHAR
COM ALUNOS QUE
APRESENTAM
DIFERENTES NÍVEIS DE
DESENVOLVIMENTO
OU DE
CONHECIMENTO?

3
COMO ATUAR PARA
QUE TODOS OS
ALUNOS, AO FINAL
DO PROCESSO,
ATINJAM PATAMARES
COMUNS DE
CONHECIMENTO?

2
COMO CADA ALUNO
PODE CONTRIBUIR
PARA O GRUPO?



ALGUMAS DAS RESPOSTAS POSSÍVEIS às questões acima encontram-se na forma de organizar os alunos para determinadas atividades. Para promover situações de ensino produtivas, é importante planejar momentos que possibilitem diversos tipos de interação.

ATIVIDADES COLETIVAS, INDIVIDUAIS E EM GRUPO



QUALQUER QUE SEJA a forma adotada para distribuir as atividades ao longo do dia, é interessante que o planejamento contemple momentos de participação coletiva de toda a classe, momentos em que cada um trabalha por si só, e em que os alunos interagem mais intensamente, trabalhando em grupos.

MOMENTOS COLETIVOS com a classe são importantes em várias situações, como por exemplo no planejamento das atividades, na introdução de um assunto novo, na sistematização dos conteúdos trabalhados, na avaliação das atividades desenvolvidas.

MOMENTOS COLETIVOS

AO PROPORCIONAR ESSES MOMENTOS, é preciso considerar a faixa etária dos alunos. Crianças pequenas não conseguem se manter atentas por longos períodos. Assim, é mais interessante variar as atividades e repetir uma mesma informação em diferentes situações, de diversas formas, do que tentar esgotá-la de uma única vez.

O CONTATO PESSOAL dá ao professor a oportunidade de conhecer melhor cada aluno, seu momento de desenvolvimento, suas dificuldades e dúvidas. Esse conhecimento é de fundamental importância para alimentar decisões nos futuros planejamentos.

MOMENTOS DE
ATENDIMENTO
INDIVIDUALIZADO

PARA ALUNOS que não estejam acompanhando o trabalho da classe, é mais proveitoso dedicar dois a três minutos de atenção a sua necessidade específica do que passar horas tentando entender o que está ocorrendo ali na classe, sem conseguir avançar.

A AÇÃO PEDAGÓGICA estruturada no trabalho em grupos, além de propiciar as necessárias trocas de informação, cria situações que favorecem o desenvolvimento da sociabilidade, da cooperação e do respeito mútuo entre os alunos, garantindo aprendizagens significativas.

MOMENTOS
PARA TRABALHO
EM GRUPOS

NO ENTANTO, organizar agrupamentos em sala não se restringe apenas ao aspecto visual de reunir as carteiras em diferentes arranjos. O principal objetivo é favorecer a troca, o intercâmbio e o trabalho cooperativo entre os parceiros, contemplando a diversidade que apresentam.

“ O ser humano e, portanto, as crianças e jovens não são iguais: as informações disponíveis a cada um são distintas; as estratégias de pensamento e ação, bem como os recursos utilizados, são diferentes (...). Essa diversidade, que caracteriza a diferença entre indivíduos de um certo grupo, é tida como fundamental para a própria interação que irá se dar em sala de aula: sem essa desigualdade não seria possível a troca e, conseqüentemente, o alargamento das capacidades cognitivas pelo esforço partilhado, na busca de soluções comuns. ”

Claudia Davis

A DIVERSIDADE ENTRE OS ALUNOS confere heterogeneidade e riqueza ao grupo. Ao observar criteriosamente qualquer grupo (ou uma classe) considerado “homogêneo”, podemos constatar que, entre seus integrantes, há mais diferenças do que semelhanças. Se, ao invés de

**TRABALHANDO
COM AS
DIFERENÇAS**

tentar reduzir as diferenças, o professor

aproveitar a variedade de respostas dos alunos, promovendo trocas entre eles, estará garantindo uma aprendizagem mais efetiva para todos.

COMO SUGERE O REGIMENTO das escolas municipais de São Paulo, “não se trata de trabalhar com as diferenças – para homogeneizar – nem de trabalhar apesar das diferenças, ignorando-as, e, sim, com as diferenças, encaradas como contribuições e não como faltas ou necessidades...”.

AO AGRUPAR OS ALUNOS, o professor precisa ter bem claro o objetivo previsto para cada situação. Dependendo da natureza da tarefa a ser realizada, pode levar os alunos a escolherem parceiros ou, ao contrário, determinar ele mesmo os elementos de cada grupo.



AS DUPLAS E TRIOS são formas de interação que propiciam contato mais pessoal, permitem a participação de todos e possibilitam ao professor acompanhar mais de perto o processo de cada participante. Já os grupos maiores favorecem o confronto de um maior número de posições, de alternativas, de soluções.

PARA TRABALHAR EM GRUPO, os alunos devem ser incentivados a discutir a tarefa e a buscar conjuntamente as formas de realizá-la. O trabalho costuma ser mais produtivo quando os participantes assumem diferentes tarefas para sua execução.



UM EXEMPLO é a organização de grupos adotada pela equipe da Escola Reitor Álvaro Rocha, em Ponta Grossa (PR). Antes de iniciar atividades em grupo, a professora promove a eleição das "lideranças", ou seja, dos responsáveis por diferentes tarefas: um aluno controla o tempo da atividade; outro providencia o material necessário à execução da tarefa; um outro é responsabilizado pelo respeito às regras estabelecidas; há sempre um redator, que providencia a redação final do texto e anota os momentos mais significativos do trabalho no *Livro da Vida* da classe; e, ainda, um aluno fica encarregado de, ao final do trabalho, lembrar a seqüência dos acontecimentos, comparando-os com o plano inicial.



VÁRIAS ESCOLAS ESTÃO BUSCANDO CAMINHOS para responder aos desafios de sala de aula, explorando diferentes possibilidades de organização do trabalho escolar.

COMBINANDO DIVERSOS MOMENTOS A rotina da Escola Municipal Presidente João Pinheiro, em São Paulo, mostra como combinar trabalho coletivo, individual e em grupo.



Na João Pinheiro, o dia de aula é sistematicamente distribuído em aula coletiva, trabalho em grupo e trabalho pessoal, ou "TP", como é conhecido.

Durante a aula coletiva, o professor expõe os assuntos dirigindo-se ao grupo-classe, dando e colhendo informações, problematizando situações. Nesse momento, está no comando da classe e estimula a participação de todos os alunos.

Para o trabalho em grupo, os alunos reúnem-se segundo critérios previamente estabelecidos ou livremente, conforme as atividades a realizar, e, a partir de instruções e normas já combinadas, realizam tarefas sob a supervisão do professor. O tempo destinado para os trabalhos em grupo varia de acordo com o assunto a ser estudado e a faixa etária da classe.





Para o trabalho pessoal, cada aluno recebe uma ficha a ser resolvida individualmente, trabalhando de acordo com seu ritmo. Os alunos que quiserem tirar dúvidas e dificuldades inscrevem-se numa lista no quadro de giz, para uma entrevista com o professor. O tempo destinado ao TP depende do grau de dificuldade da atividade proposta; em média, varia de 10 minutos para as crianças mais novas a 1h e 30 minutos, a partir da 6ª série.

Essas três formas do ensinar/aprender tornam-se rotina para todos, obedecendo em geral à mesma seqüência ao longo das aulas. Durante as primeiras semanas do ano letivo, os alunos são sistematicamente informados sobre as normas que regem cada situação e, com o tempo, acostumam-se a tomar decisões quanto à realização das tarefas, sem consultar o professor a toda hora.

O AGRUPAMENTO DE ALUNOS também pode atender à necessidade de trabalho diferenciado com aqueles que precisam desenvolver habilidades específicas. O trabalho individual, em duplas e em pequenos grupos pode acontecer simultaneamente.

COM ISSO, O PROFESSOR TAMBÉM APRENDE, de forma simples, um complexo procedimento de sala de aula:

DIVERSIFICANDO O ATENDIMENTO começa a dominar o atendimento diversificado, através do qual grupos de alunos podem atuar em ritmos diferentes ou realizar tarefas mais apropriadas às suas dificuldades, ou ainda trabalhar um mesmo assunto em vários níveis de profundidade. Para os diferentes grupos, podem ser propostas tarefas que vão desde a retomada da compreensão do assunto, exercícios de fixação e estudo, até seu aprofundamento.

ORGANIZAR A SALA DE AULA de modo que os alunos fiquem realizando tarefas diferentes no mesmo espaço parece algo impossível. Como viabilizar isso com uma classe de 35 alunos?



Na Escola Municipal Cacilda Becker, em São Paulo, algumas professoras das séries iniciais estabeleceram uma rotina que permite, numa classe de tamanho padrão das escolas públicas, o desenvolvimento simultâneo de vários tipos de atividades diferentes pelos alunos, sem que um grupo atrapalhe o trabalho do outro e respeitando os diversos ritmos individuais. Todos os alunos começam juntos uma determinada tarefa. À medida que terminam, dirigem-se para um dos "cantos" (de livros, jogos, poesia), ocupando-se sozinhos ou em grupos, enquanto outros continuam a tarefa e, ainda, outros trabalham individualmente ou em duplas com a professora.



EM DETERMINADOS MOMENTOS DO TRABALHO, pode-se ajudar os alunos a assumir responsabilidades e comprometer-se com sua aprendizagem, discutindo as tarefas com eles, encorajando-os a prever o tempo que necessitam para realizá-las. Esse procedimento estimula-os a se concentrar no seu alvo e a planejar a distribuição de sua carga de trabalho ao longo do dia ou da semana.

PARA APRENDER A TRABALHAR dessa forma, os alunos precisam ser bem orientados e apoiados. Pode-se,

por exemplo, escrever no quadro as atividades propostas para o dia. Todos os alunos terão

*DIVIDINDO
RESPONSABILIDADES*

que fazer as mesmas tarefas, mas podem escolher, em grupo ou individualmente, a seqüência em que vão executá-las, assumindo o compromisso e a responsabilidade por sua realização.

DEPENDENDO DAS CONDIÇÕES concretas da escola, o professor pode contar com a ajuda de estagiários ou alunos monitores, dividindo responsabilidades no trabalho da classe.



AS CRIANÇAS DAS SÉRIES INICIAIS têm mais necessidade de apoio e orientação do adulto para realizar satisfatoriamente suas tarefas. Várias escolas conseguem proporcionar atenção mais individualizada às crianças ou a pequenos grupos, trazendo para a sala de aula pessoas que se disponham a atuar como ajudantes de classe. Em certos casos, é possível fazer convênios com faculdades para que estudantes trabalhem como estagiários. Em outros, alunos mais velhos podem atuar como monitores. Algumas escolas chegam mesmo a contar com a ajuda de mães.

TRABALHAR COM ALUNOS MONITORES requer bastante preparo e orientação, mas é um investimento que vale a pena, porque o contato dos mais jovens com os mais velhos beneficia a ambos.



Na Escola Municipal Raul Pinheiro Machado, em Ponta Grossa (PR), a responsável pela sala de leitura orienta alunos monitores de 4ª série para que se tornem "contadores de história". Durante a semana, procuram escolher histórias interessantes e preparam-se para contá-las, ensaiando expressões e tonalidade de voz, de modo a manter seus ouvintes atentos. Uma vez por semana os alunos das séries iniciais esperam ansiosamente pelos colegas maiores que, devidamente caracterizados, sentam-se no pátio na hora do recreio. As crianças aproximam-se e sentam-se em roda para ouvir os contadores. Como são vários alunos contando diferentes histórias, as crianças escolhem as que querem ouvir, distribuindo-se pelas várias rodas.

ROTINAS E NORMAS

A ADOÇÃO DE UMA ROTINA DIÁRIA de trabalho favorece a organização das atividades, dá maior segurança aos alunos, estimulando o desenvolvimento gradativo de sua autonomia.

EXEMPLOS DE ESCOLAS que encontram diferentes soluções para organizar o dia, compartilhando com os alunos a responsabilidade pela seleção e execução das atividades, podem ser indicadores das diversas alternativas para o planejamento das atividades cotidianas.

Na Escola Reitor Álvaro Rocha, em Ponta Grossa (PR), o dia de aula começa com uma "assembléia" na qual toda a classe negocia as atividades que serão desenvolvidas no dia, tomando por base o plano semanal apresentado para a classe na segunda-feira. Nesse momento, a professora procura orientar a distribuição da programação diária de modo a equilibrar tarefas novas e familiares, para que em alguns momentos os alunos tenham condições de realizar atividades de forma autônoma e, em outros, sob sua orientação. Com esta distribuição, ela fica liberada em alguns momentos e pode, sempre que necessário, atender um grupo ou uma criança particularmente. Ao final do dia, uma nova assembléia, sob a coordenação de um aluno e supervisão da professora, verifica se a programação foi ou não cumprida satisfatoriamente e estabelece as atividades não realizadas que deverão constar da programação do dia seguinte.

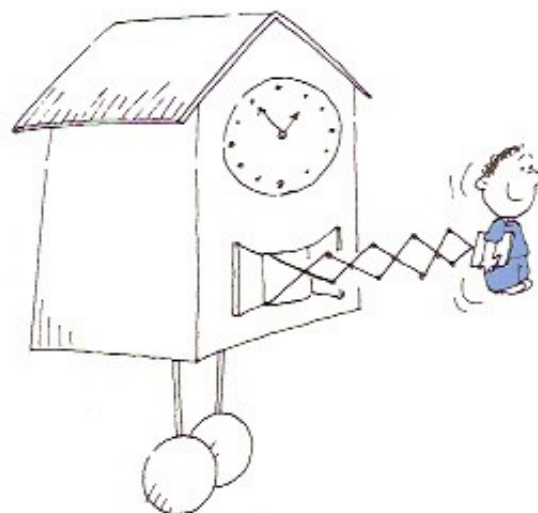
ORGANIZAR O DIA através de uma listagem de atividades tomando como referência a programação semanal da classe é uma forma bastante eficiente para que os alunos trabalhem de acordo com seu próprio ritmo, tomando decisões e assumindo certas responsabilidades, sem sentir necessidade de consultar o professor sobre o que fazer, a cada vez que terminam uma tarefa.

**DISTRIBUINDO
O TRABALHO
NO TEMPO**

ORGANIZAR O DIA de uma turma que tem aulas com diversos professores requer um planejamento cuidadoso. Nos horários de trabalho coletivo, é possível montar um plano de trabalho para uma ou mais semanas: os professores podem partilhar suas propostas, distribuí-las no tempo, equilibrar as solicitações de trabalho, integrar aspectos semelhantes entre as disciplinas. Isso contribui para que os alunos se organizem e estabeleçam articulação entre os assuntos estudados, evitando a fragmentação na aprendizagem.

A CRIAÇÃO DE UMA ROTINA exige o estabelecimento de certas normas facilitadoras. Às vezes, forma-se um entendimento deturpado de normas e rotinas, relacionando-as a procedimentos rígidos, a práticas tecnicistas ou antiquadas. No entanto, priorizar a interação social no processo de conhecimento não é incompatível com a rotina: os alunos precisam saber quais são as atividades programadas, o que devem fazer, como devem fazer, como se organizarão no espaço, onde podem encontrar o material necessário, etc.

A APROPRIAÇÃO DESSAS NORMAS não se faz em apenas uma discussão com a classe, nem basta afixar um cartaz contendo a lista de itens com os quais todos concordaram. Esse é um trabalho diário que exige persistência do professor, sobretudo nos primeiros meses de aula.





A Escola Labor, em São Paulo, estabelece um plano semanal das atividades detalhadas por dia. Mesmo assim, no início de cada dia, professora e alunos sentam-se numa roda para discutir as formas como poderão ser feitas as atividades, os tempos previstos para sua realização e as regras e normas que irão orientar os trabalhos. Conscientes da programação do dia e das expectativas quanto ao produto de suas atividades, os alunos têm certa autonomia para desenvolvê-las e estão em condições de assumir responsabilidade por sua realização.



O CUIDADO PRINCIPAL com as rotinas e regras está em usá-las sem sufocar a interação, as trocas e a criatividade. A sala de aula viva e produtiva pode não ser silenciosa, mas sempre será disciplinada. Disciplina aqui se entende como organização do espaço, das atividades e dos participantes, de modo a favorecer o processo de conhecimento e instalar respeito pelo trabalho de todos. Ela se expressa tanto através do silêncio da concentração como pelo ruído de vozes no diálogo.



SALA DE AULA: OFICINA DE TRABALHO

O AMBIENTE DA SALA DE AULA, vista como oficina de trabalho de professores e alunos, pode se transformar num espaço acolhedor e estimulante, com um pouco de imaginação e criatividade de todos. Numa oficina de trabalho, os instrumentos que podem auxiliar as atividades precisam estar à mão de todos, numa disposição sugestiva e funcional. Pode-se afixar cartazes e quadros de avisos, formar uma pequena biblioteca, aproveitar os cantos e fazer arranjos no mobiliário, de modo a gerar espaços para trabalho em grupo e em duplas, reuniões com a classe toda e atendimento individualizado.

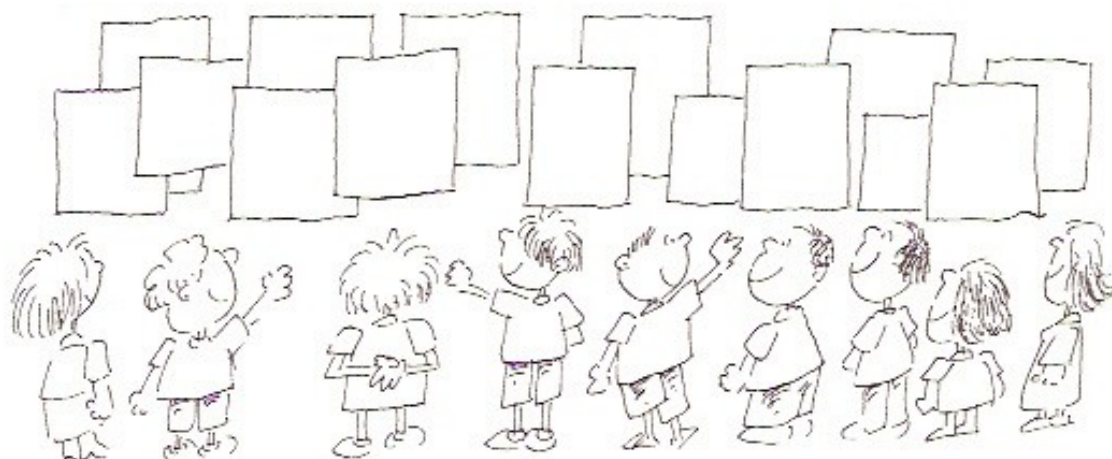
ISSO REQUER UM PREPARO cuidadoso, para que a utilização de recursos não se desvincule de seus propósitos. Prepara-se tudo para que os alunos encontrem com facilidade o que precisam, o material disponível seja adequado. O que é exposto para apoiar a aprendizagem deve ser dosado, para evitar a estimulação excessiva e a conseqüente dispersão.

NO ARRANJO DA SALA, paredes, janelas, portas e armários podem ser aproveitados. Varais com prendedores e móveis são opções interessantes para afixar, por exemplo:

- um poema lido pelo professor e apreciado pelos alunos
- roteiros de procedimentos para investigação de fenômenos e cartazes de Ciências
- mapas geográficos e históricos
- relatos de trabalhos de Estudos Sociais
- bons modelos de histórias escritas pelos alunos ou copiadas de livros
- palavras que apresentam certas dificuldades ortográficas etc.



MUNICÍPIO



Lembrete importante: é preciso rever e corrigir os trabalhos dos alunos antes de afixá-los nas paredes ou deixá-los disponíveis para leitura, de modo que qualquer material exposto seja legível e ortograficamente correto.

SEMPRE QUE POSSÍVEL, é interessante que o professor planeje a organização e disposição dos materiais de classe juntamente com seus alunos. Esta parceria tem várias vantagens:

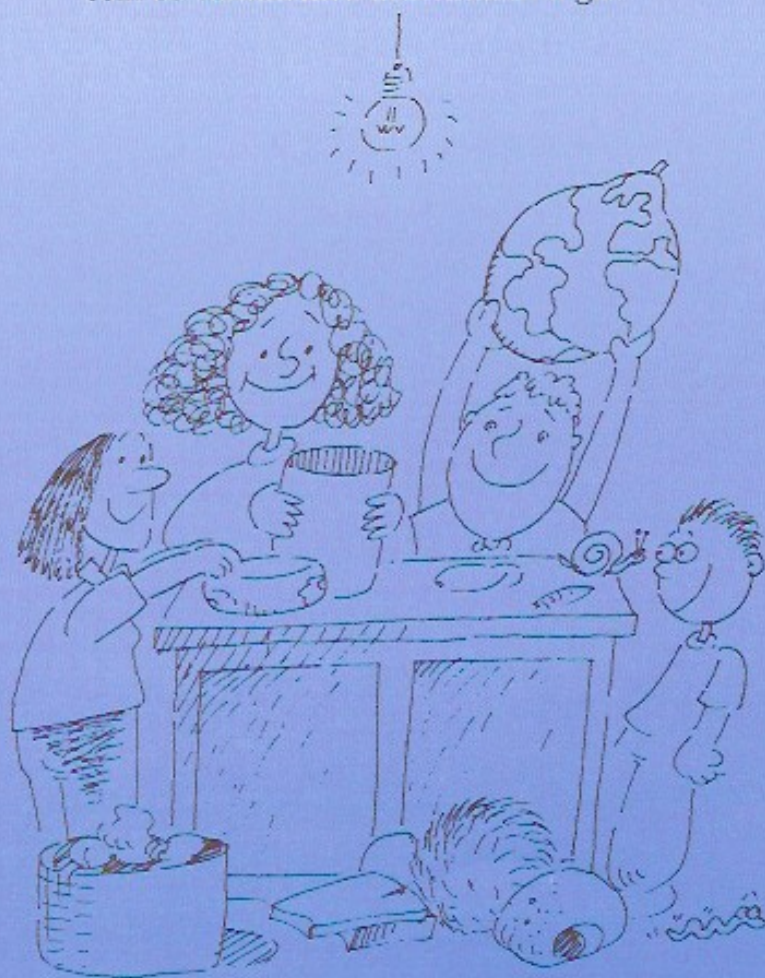
- os alunos têm a oportunidade de conhecer todo o material que poderão utilizar;
- podem ser estabelecidas, nessa ocasião, regras para o uso e a guarda dos materiais, de modo que os alunos se sintam responsáveis por eles;
- em caso de necessidade, todos saberão onde encontrar os materiais, podendo utilizá-los de forma independente.

GUARDAR MATERIAIS em locais acessíveis e identificá-los através de etiquetas com nomes ou símbolos facilita aos alunos encontrá-los sempre que deles necessitarem, sem pedir a ajuda do professor.

NO ESFORÇO DE TORNAR A SALA DE AULA um espaço agradável e motivador, alguns professores acreditam que são necessários materiais caros e sofisticados, o que não é verdade. Sempre é possível dar um toque acolhedor à nossa oficina de trabalho, mesmo com poucos recursos.



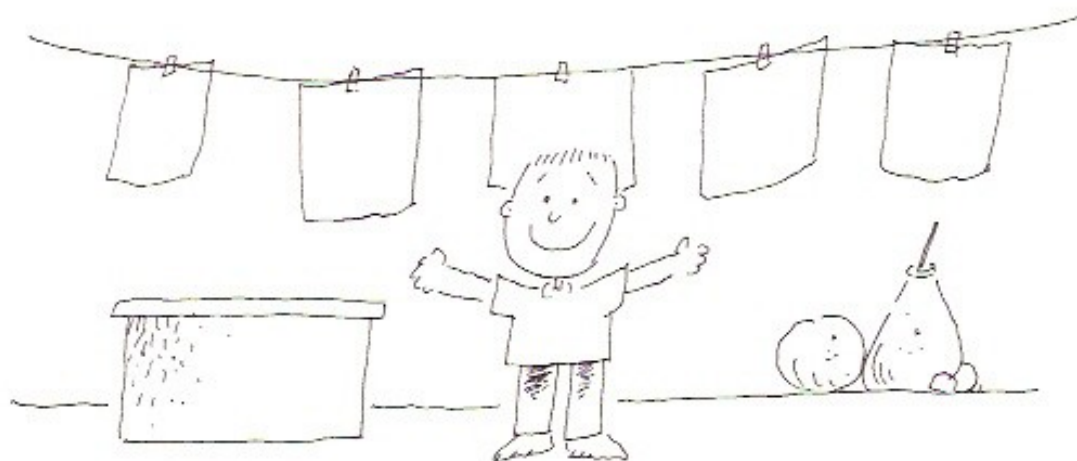
Nas duas salas (uma de 1ª e 2ª séries, outra de 3ª e 4ª) da Escola Municipal Benício Lima, na área rural de Senador Canedo (GO), a criatividade das professoras tornou possível a existência de um ambiente rico e estimulante, a partir de materiais feitos por elas, trazidos pelas próprias crianças ou encontrados por perto, em torno da escola: pedras, ninhos, cabaças, sementes, transformam-se em instigantes materiais didáticos. O globo terrestre, por exemplo, é feito de cabaça, com os continentes desenhados a giz.



EM MUITAS ESCOLAS, porém, surge um problema: o que fazer quando se trabalha numa sala usada por várias classes, em escola com três ou quatro turnos?

DISTRIBUIR ENTRE OS ALUNOS a responsabilidade pela organização diária dos materiais da sala de aula – afixar cartazes, textos, jogos etc. – tem sido a saída encontrada por diferentes escolas que funcionam em vários turnos. Dessa forma, o material fica preservado, o professor não fica sobrecarregado e os alunos sentem-se participantes ativos na criação de um ambiente especial para “sua” sala.

UMA OUTRA POSSIBILIDADE é a criação de salas-ambiente. Ou seja, salas onde se reúnem os recursos didáticos de cada disciplina, de modo que os alunos tenham acesso a eles sempre que necessário. As escolas municipais de Itajaí (SC) vêm adotando esse sistema com bastante sucesso. Ali, no decorrer do dia letivo, os alunos circulam por várias salas, de acordo com seu horário de aulas, sendo recebidos em cada uma pelo professor especialista. *“Os diferentes recursos didáticos, as diversas organizações do espaço físico de cada sala e o fato de que os alunos se movimentam entre os intervalos das aulas têm feito com que eles entrem em cada classe com mais vontade e disposição para aprender”*, explica a diretora da Escola Aníbal César.



FAZENDO ARRANJOS E CRIANDO ESPAÇOS



PROPORCIONAR UM AMBIENTE FAVORÁVEL às interações não significa, necessariamente, que os alunos devam estar reunidos em duplas ou em grupos todo o tempo. O importante é que eles se sintam livres para movimentar suas carteiras, sentando-se ao lado de colegas para receber ou oferecer ajuda na realização das tarefas.

A DISPOSIÇÃO FLEXÍVEL DAS CARTEIRAS na sala permite diferentes arranjos, favorecendo a organização dos alunos nos momentos de aula coletiva, nos trabalhos de grupo e nas tarefas individualizadas. O espaço do chão também pode ser aproveitado. Sentados no chão, em torno da professora, os alunos gostam de ouvir histórias, discutir autores, trocar impressões sobre livros, fazer relatos, contar novidades... Ou, então, as carteiras podem ser dispostas em círculo, de modo que todos possam se ver, nas atividades coletivas.

OS CANTOS DA SALA podem ser utilizados para realizar trabalhos específicos nas diferentes áreas do currículo. Quando utilizados adequadamente, contribuem para desenvolver a autonomia dos alunos, constituindo-se em solução para o que fazer com aqueles que não estão sendo atendidos diretamente pelo professor.

PODEM SER REUNIDOS, em caixas ou prateleiras, materiais sobre diferentes assuntos ou áreas de interesse: artes, escrita, leitura, jogos, Matemática, Ciências etc. Essas caixas etiquetadas ficam disponíveis para o uso das crianças, que podem realizar certas tarefas de forma independente ou sob a orientação do professor.



O CANTO TAMBÉM PODE SER USADO para reunir diversos materiais e informações para ajudar os alunos a aprofundar o conhecimento sobre um assunto específico. Por exemplo, se o tema diz respeito à fundação do município onde se localiza a escola, é interessante que os alunos tenham à disposição fotos, documentos, relatos, objetos antigos etc. Quando se pode contar com uma encarregada de sala de leitura, esta pode selecionar os materiais relacionados ao tema em estudo e emprestá-los, de modo que fiquem temporariamente disponíveis para consulta na sala de aula. Esse tipo de organização permanece no local enquanto durar o interesse dos alunos e/ou o trabalho que estão desenvolvendo.

OS LIVROS E A SALA DE AULA

“

– Sinto uma comichão no cérebro –
disse Pedrinho – Quero *saber* coisas.
Quero saber tudo quanto
há no mundo...

– Muito fácil, meu filho – respondeu
Dona Benta. – (...) está nos livros.
Basta que os leia.

”

Monteiro Lobato

MUITAS ESCOLAS no Brasil já contam atualmente com uma pequena biblioteca ou sala de leitura. No entanto, muitas vezes, o professor faz pouco uso dessa sala, ou porque já existe um encarregado desse acervo, ou porque desconhece as possibilidades de um trabalho mais constante com esses livros, restringindo-o a eventuais pesquisas no decorrer do ano. O resultado é que os alunos acabam por ler apenas textos mimeografados ou copiados do quadro, não sendo estimulados a ler livros de literatura ou consultar textos informativos.

LIVROS DE HISTÓRIAS, poesias, romances, crônicas, contos de fada, histórias em quadrinhos, assim como dicionários, enciclopédias, manuais, livros didáticos, revistas, jornais etc. são materiais de leitura e fontes de informação para alunos de todas as idades, e tanto podem ser trabalhados em atividades de sala de aula quanto nas tarefas para casa. Textos produzidos pelos alunos também constituem material de leitura para todos.

UMA BOA PRÁTICA para despertar o gosto pela leitura é fazer, a cada dia, a leitura de um pequeno texto literário ou poético numa pausa entre atividades.



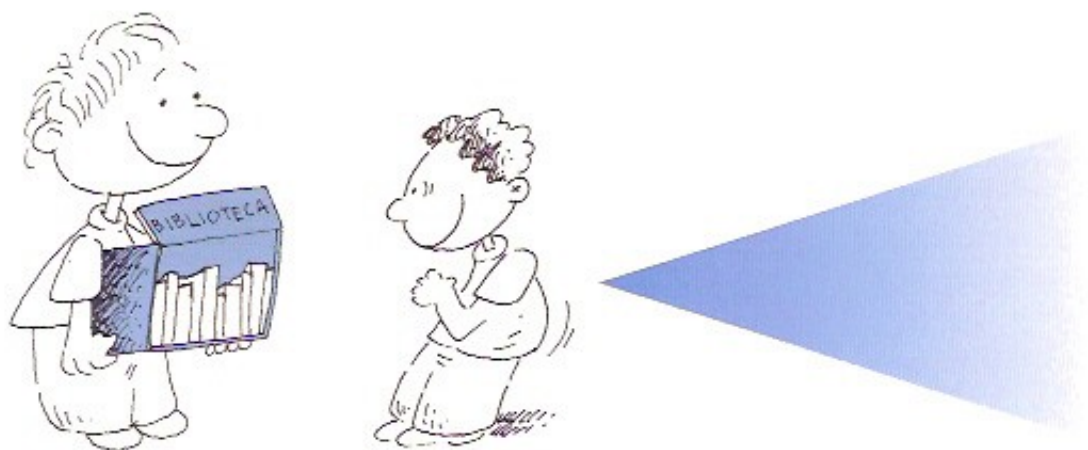
Na Escola Municipal Amorim Lima, em São Paulo, a professora de Língua Portuguesa criou, a partir da biblioteca da classe, um Clube de Leitura com alunos de 5ª e 6ª séries.

As atividades do Clube acontecem de 15 em 15 dias: reunidos em pequenos grupos, usando roteiro fornecido por ela, os alunos comentam e discutem os livros que leram no período. Além disso, cada aluno tem seu "caderno de autoria" onde, diariamente, redige textos sobre quaisquer assuntos; a critério dos próprios alunos, a professora lê ou não esses escritos. .



O Grupo Escolar Dr. José Tavares, em Campina Grande (PB), instituiu uma forma original de motivar para a leitura. Três vezes por semana todos os integrantes da escola envolvem-se numa atividade em que "leitores independentes" lêem histórias para "leitores dependentes" — momento que os alunos apontam como dos mais gostosos na escola. Leitores independentes são todos os adultos da escola, inclusive merendeiras, secretárias, vigilantes, e os alunos que mostram fluência, compreensão e expressão na leitura de textos. Cada um fica responsável por dois ou três leitores dependentes, para os quais lê um livro de literatura infantil. Após duas, três leituras, os "dependentes" contam a história eles mesmos e procedem à leitura do livro, junto com o "leitor". Este possui uma pasta com o material necessário para realizar a atividade, incluindo um caderno onde cada dia anota o desempenho dos seus "dependentes". Há todo um trabalho de formação dos leitores semi-independentes, para os quais chegar a ser leitor independente é uma grande vitória.



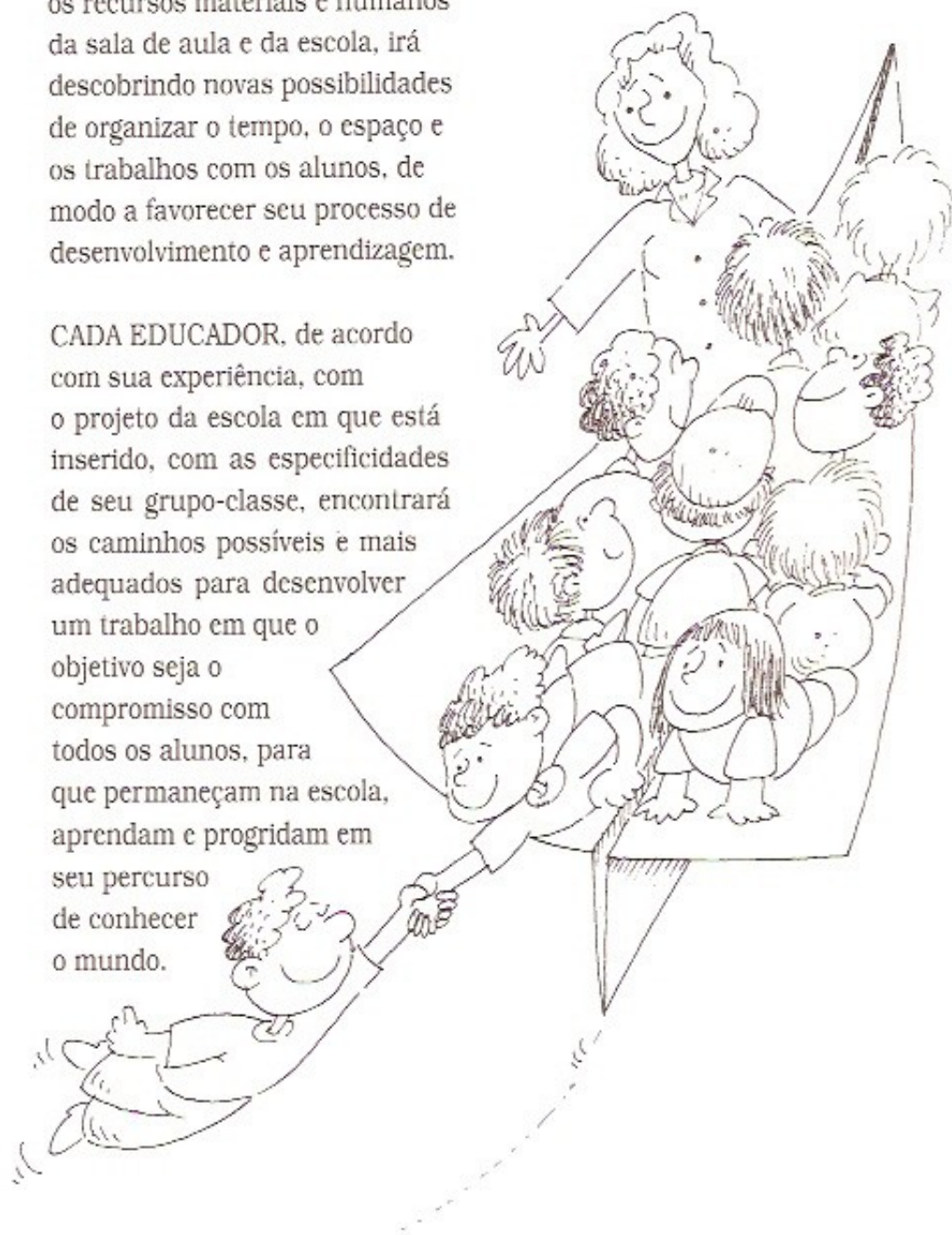


OUTRA PRÁTICA COMUM é manter um pequeno acervo em sala de aula. Escolas como a Dora Laender (em Belo Horizonte), Reitor Álvaro Rocha (em Ponta Grossa), Carlos Rizzini, João Pinheiro e Labor (em São Paulo) mantêm uma pequena biblioteca nas salas de aula, geralmente alocada em uma caixa de papelão ou em estantes. A ampliação da quantidade e variedade dos livros é feita através de recursos provenientes de festas ou bazares e dos próprios alunos, que trazem jornais, revistas, gibis e livros. Cabe ao professor organizar, com os alunos, uma forma de listar todo o acervo da classe, assim como definir as regras para sua utilização.

MUITOS ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA não possuem livros em casa, sendo a escola o único local onde têm acesso ao texto escrito de forma organizada. Assim, só a escola pode proporcionar a eles o acesso aos diferentes tipos de texto, de modo que possam apropriar-se da língua escrita, sentindo-se parte da sociedade, do mundo que os rodeia.

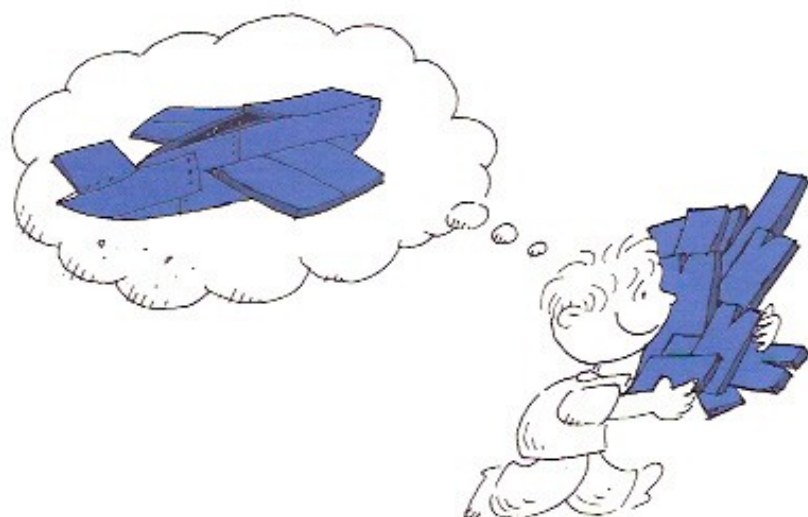
À MEDIDA QUE O PROFESSOR adquire maior experiência e facilidade para aproveitar os recursos materiais e humanos da sala de aula e da escola, irá descobrindo novas possibilidades de organizar o tempo, o espaço e os trabalhos com os alunos, de modo a favorecer seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

CADA EDUCADOR, de acordo com sua experiência, com o projeto da escola em que está inserido, com as especificidades de seu grupo-classe, encontrará os caminhos possíveis e mais adequados para desenvolver um trabalho em que o objetivo seja o compromisso com todos os alunos, para que permaneçam na escola, aprendam e progridam em seu percurso de conhecer o mundo.



“**E**locubrar pedantemente sobre a fabricação de objetos — material educativo, brinquedos ou livros — que fossem apropriados para crianças é tolice. (...) A Terra está repleta dos mais incomparáveis objetos de atenção e exercício infantis. E dos mais apropriados. Ou seja, as crianças são inclinadas de modo especial a procurar todo e qualquer lugar de trabalho onde visivelmente transcorre a atividade sobre as coisas. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelo resíduo que surge na construção, no trabalho de jardinagem ou doméstico, na costura ou na marcenaria. Em produtos residuais reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e para elas unicamente.”

Walter Benjamin



Alguns textos de apoio:

CALKINS, Lucy. *A arte de ensinar a escrever*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CUNHA, Maria Isabel. *O bom professor e sua prática*. 2.ed. Campinas: Papirus, 1992.

DAVIS, Claudia, SILVA, Ma.Alice S.S., ESPOSITO, Yara L. Papel e valor das interações sociais em sala de aula. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.71, p.49-54, nov.1989.

LAGOA, Ana. Planejamento: momento de decidir que tipo de professor você quer ser. *Nova Escola*, São Paulo, n.37, p.26-29, mar.1990.

SOUZA, Nelson *et alii*. O trabalho em grupo: um dinâmico recurso para acelerar a aprendizagem. *Nova Escola*, São Paulo, n.51, p.48-50, ago.1991.





Coordenação Geral

CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária

Autores

Maria Alice Setubal (Coordenadora)
Alice Davanço Quadradro
Marta Andrade Mansutti
Marta das Mercês Ferreira Sampaio
Marta Estela Bergamin
Marta José Reginato Ribeiro
Marta Wójak Grosbaum
Raquel Léa Brunstein
Zita Porto Pimentel

Preparação de Originais

Marta das Mercês Ferreira Sampaio
Marta José Reginato Ribeiro
Marta Wójak Grosbaum
Tina Amado

Edição de Texto

Tina Amado

Edição de Arte

Eva Paraguassú de Arnuda Câmara
José Ramos Neto

Ilustração

Michele Inocosa

Iniciativa

Fundação Itaú Social
UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

Coordenação

CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária

Agradecimentos

Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Acre
Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul
Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, MG
Secretaria Municipal de Educação de Campinas Grande, PI
Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá, MT
Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, RS
Secretaria Municipal de Educação de Itajai, SC
Secretaria Municipal de Educação de Jaguaré, ES
Secretaria Municipal de Educação de Maranguape, CE
Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa, PR
Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, RS
Secretaria Municipal de Educação de Recife, PE
Secretaria Municipal de Educação de Senador Canelo, GO
Fundação S.O.S. Amaduzus
Escola Básica Aníbal César, Itajai, SC
Escola Comunitária Rural do Girat, Jaguaré, ES
Escola Estadual Arlindo de Andrade Gomes, Campo Grande, MS
Escola Estadual Senador Adalberto Senna, Rio Branco, AC
Escola Municipal da Ipatinga, Recife, PE
Escola Municipal de Primeiro Grau Benício Pereira Lima, Senador Canelo, GO
Escola Municipal de Primeiro Grau Caciéla Becker, São Paulo, SP
Escola Municipal de Primeiro Grau Carlos de Andrade Rizzini, São Paulo, SP
Escola Municipal de Primeiro Grau Demétrio Rocha, Maranguape, CE
Escola Municipal de Primeiro Grau Desembargador Américo Lima, São Paulo, SP
Escola Municipal de Primeiro Grau Dora Tornich Laender, Belo Horizonte, MG
Escola Municipal de Primeiro Grau Gilberto Jorge da Silva, Porto Alegre, RS
Escola Municipal de Primeiro Grau Presidente João Pinheiro, São Paulo, SP
Escola Municipal de Primeiro Grau Raul Pinheiro Machado, Ponta Grossa, PR
Escola Municipal de Primeiro Grau Soares de Barros, Ijuí, RS
Escola Municipal de Primeiro Grau Yreza Benguela, Cuiabá, MT
Escola Rector Álvaro Augusto Cunha Rocha (CAIC), Ponta Grossa, PR
Grupo Escolar Dr. José Tavares (CEAI 11), Campina Grande, PB
Labor Escola de Primeiro Grau Herman Gmeiner, São Paulo, SP



INICIATIVA



APOIO

MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO

COORDENAÇÃO

